

Enunciação em memes sobre a pandemia: análise discursiva de sentidos na web

Enunciation in memes about the pandemic: discursive analyse and meanings on the web

Bruno Deusdará ¹

Poliana Coeli Costa Arantes ²

Thatiana Muylaert ³

RESUMO

Neste artigo, investigamos a constituição dos sentidos no debate sobre a pandemia da COVID-19, a partir da análise de memes em circulação no *Facebook* no período de abril a junho de 2020. Como quadro teórico, partimos da Análise do Discurso de base enunciativa, com o propósito de discutir mecanismos linguísticos e discursivos manifestados na materialidade das imagens analisadas. Desenvolvemos um debate acerca das noções de interdiscurso, prática discursiva, pressupostos e subentendidos, do ponto de vista discursivo, como elementos a serem observados nas análises. Os resultados apontam para a produtividade dessas entradas e para o modo como tais materiais funcionam discursivamente.

Palavras-chave: Meme. Implícitos. Prática discursiva.

ABSTRACT

In this article, we investigate the constitution of meanings in the debate on the pandemic of COVID-19, on social networks. As a theoretical framework, we start from the Discourse Analysis of enunciative basis, with the purpose of discussing linguistic and discursive mechanisms inscribed in the materiality of the analyzed images. We developed a debate about the notions of assumptions and implied, from a discursive point of view, as elements to be observed in the analysis. The results point to the productivity of these inputs and to the way that such materials work discursively.

Keywords: Meme. Implicit. Discursive practice.

¹ Professor de Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-0429-8580>. E-mail: brunodeusdara@gmail.com.

² Professora de Língua Alemã da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Doutora em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0003-4880-5767>. E-mail: polianacoeli@yahoo.com.br.

³ Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Rio de Janeiro/RJ, Brasil. ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-5269-6439>. E-mail: muylaertthatiana@yahoo.com.br.



1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enfrentamos, desde o ano de 2020, os impactos de um fenômeno de dimensões planetárias: a pandemia da COVID-19. Os primeiros casos notificados haviam sido identificados na China, ainda em dezembro de 2019. Em 30 de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou tratar-se de uma Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional, o que enseja ação coordenada entre os diversos países de combate à disseminação do vírus. Em 03 de fevereiro do mesmo ano, condição semelhante foi decretada pelo governo brasileiro e, no dia 06 do mesmo mês, sancionada a Lei 13.979⁴, passando a ser conhecida como Lei da Quarentena, por autorizar o poder público a adotar medidas como isolamento, quarentena e determinação para realização compulsória de exames médicos, testes, vacinas e demais tratamentos e medidas profiláticas.

Nessa primeira sequência verbal de práticas languageiras mapeadas acima – declarar, sancionar, decretar –, parece haver uma relação bastante apaziguada entre a identificação dos primeiros casos, sua disseminação, o reconhecimento da condição de Emergência de Saúde Pública de Interesse Internacional e a proposição da Lei brasileira. Como destaca Birman (2020, p. 55), “se o vírus remete a uma problemática eminentemente orgânica, a pandemia, em contrapartida, ultrapassa em muito o campo estrito do discurso biológico”. Com efeito, o leitor saberá que, para além das alianças aparentemente apaziguadas na enunciação oficial, o transcurso dos eventos não se deu sem muitos e diversos embates, reações, antagonismos e outras tantas formas de dar contornos à polarização que se configurou no Brasil, tornando a crise sanitária, de proporções planetárias, em um evento de repercussões políticas, econômicas, culturais, ambientais, de gênero, de modalidades de inserção no mercado de trabalho, entre outras.

A gravidade e a intensidade conferidas a tal experiência merecem ainda um destaque: a fragmentação que dará o tom do debate público em torno das medidas de prevenção à disseminação do vírus encontra circunstâncias particulares no Brasil em meio à ascensão da extrema direita ao governo central do país. A esse respeito, destacamos a emergência de uma relevante bibliografia que sustenta a crítica ao neoliberalismo e Lazzarato é assertivo ao declarar que “não há incompatibilidade alguma entre ditadura e neoliberalismo” (LAZZARATO, 2019, p. 42). Em menção a um dos ideólogos do neoliberalismo, o autor afirma: “o inefável Hayek prefere uma ‘ditadura liberal’ a uma ‘democracia sem liberalismo’. O princípio que guia sua ‘escolha’ não é a liberdade, mas a propriedade privada que, para ele, como para todos os liberais, são sinônimos” (LAZZARATO, 2019, p. 42). Em

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/113979.htm. Acesso em: 18 mar. 2021.





direção semelhante, Chamayou (2020, p. 352) enfatiza que, com Hayek, “o velho e predileto tema do liberalismo era retomado por um neoliberalismo econômico, passando a manobrar no terreno do *jus politicum*”. Nesses termos, o neoliberalismo se encontra em um paradoxo, formulado, segundo Chamayou, do seguinte modo: “Destronar a política pela sacralização constitucional da economia. Paradoxo de uma destituição constitucional ou de uma constitucionalização destituente” (CHAMAYOU, 2020, p. 352).

Ressaltando essa dimensão de destruição do social pelo neoliberalismo, Brown elabora o seguinte diagnóstico:

À medida que o ataque ao social derrota a compreensão democrática de sociedade zelada por um povo caracterizado pela diversidade e habilitado a governar a si de forma igualitária e compartilhada, a política se torna um campo de posicionamento extremo e intransigente, e a liberdade se torna um direito de apropriação, ruptura e até mesmo destruição do social – seu inimigo declarado. (BROWN, 2019, p. 39)

Essas reflexões parecem se adensar na constituição de uma guerra cultural que tem as universidades públicas e o campo da Educação como alvos prioritários das estratégias de desqualificação.

Apenas para se ter um registro do modo como tal estratégia produz efeitos no debate em torno das formas de prevenção frente à disseminação do vírus, retomemos dois eventos ocorridos em março de 2020: o avanço do contágio e a taxa de letalidade da doença provocados pelo coronavírus que, entre outros aspectos, levaram à OMS a declarar tratar-se de uma pandemia, mais precisamente em 11 de março daquele ano. Ao final deste mesmo mês, mesmo diante de evidências científicas, o presidente brasileiro, sustentando posição contrária, passa a menosprezar os dados e chega a designar a doença por “gripezinha”⁵. Desse modo, dois posicionamentos parecem se consolidar na cena pública brasileira, com potencial de atração em maior ou menor grau: de um lado, a sequência de práticas discursivas que abrangem as declarações da OMS, em consonância com a divulgação científica e, inclusive, com a Lei da Quarentena, que sustentam, com maior ou menor ênfase, estratégias de defesa da vida frente à disseminação de um vírus de alta contaminação, e, de outro, as manifestações que sugerem que a “economia não pode parar” e propõem, de modo geral, o relaxamento das medidas de isolamento social.

⁵ A respeito da sequência de declarações presidenciais, conferir: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/03/26/frases-bolsonaro-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 26 mar. 2020.





De modo bastante sucinto, sem perder, no entanto, evidências que têm se tornado referências com potencial histórico relevante, apresentamos um delineamento provisório do cenário que desejamos investigar. Nosso propósito reside em discutir os sentidos construídos em torno do debate acerca da crise sanitária, em circulação nas redes sociais, especialmente, no *Facebook*, no período de abril a junho de 2020 – o critério adotado para o estabelecimento do referido período é o propósito de registrar manifestações naquela que acabou ficando conhecida como “primeira onda” da doença no país. Consideramos, para isso, que as redes sociais e os aplicativos de mensagens têm-se tornado espaços não apenas de divulgação de interações privadas e exposição da individualidade, mas também de tomada da palavra acerca dos eventos e debates que marcam a cena pública. Uma evidência disso se verifica também no levantamento que realizamos dos memes selecionados em *site* de busca. Tal levantamento demonstrou que o referido material, originalmente em circulação nas redes sociais, passou a *blogs*, compondo o debate sobre a pandemia e criando certa estabilidade em seu armazenamento. Assim, além de buscar explicitar ferramentas teóricas que possibilitem problematizar a produção e circulação de textos nas redes sociais, pretendemos contribuir com a afirmação da dimensão de cientista social implicada na atuação do linguista (ROCHA; DAHER; SANT’ANNA, 2002).

Com efeito, têm-se constituído redes discursivas no debate midiático que fazem circular um conjunto complexo e diversificado de sentidos a respeito da crise sanitária e seus efeitos sociais, econômicos, culturais, afetivos. É relevante destacar os vínculos estabelecidos entre as práticas languageiras que se desdobram na cena pública institucional e os diferentes modos de interação na vida cotidiana. Neste artigo, em consonância com o objetivo delineado anteriormente, centramos nossas investigações nos debates que se desenvolvem nas redes sociais, com especial interesse para o modo como os memes contribuem com a produção de sentidos acerca da pandemia, sustentando e reiterando os embates dos dois pólos desenhados na introdução. Com efeito, os textos que circulam via *web* costumam carregar uma reflexão acerca de diversos acontecimentos socioculturais em aparente dissonância com tonalidades humorísticas⁶ que possam assumir. Mesmo com esses contornos humorísticos, esses materiais trazem à tona críticas necessárias para as interlocuções cotidianas, permitindo apreender uma arena de embates. Em caminho inverso à expectativa de que esses materiais se apropriariam de temáticas da política para torná-las jocosas, o que vemos é o

⁶ Haja vista que o humor é um campo (POSSENTI, 2018) teórico relativo, criativo e que se encontra mais no plano das relações interacionais, dependendo de distintas variáveis, este artigo utilizará os vocábulos humor e humorístico(s) em seus sentidos dicionarizados: “Espírito cômico, graça. *Filme cheio de humor*. [Do lat. *humor, oris.*]” (BECHARA, 2009, p. 477) e “1 Relativo a humor, a humorismo ou a humorista. 2 Que faz rir ou em que há graça” (BECHARA, 2009, p. 477), já que os memes são capazes de produzir graça em algumas situações cotidianas.





emprego de mecanismos linguístico-discursivos a serviço da construção de posicionamentos na dinâmica de polarização política instituída, sobretudo no estudo de caso que propomos no presente texto.

2 PRÁTICAS DISCURSIVAS NAS REDES SOCIAIS

Neste tópico, retomamos reflexões acerca do modo como as interações que se realizam nas redes sociais são problematizadas por pesquisadores oriundos de outras áreas e propomos articulação dessas reflexões com ferramentas teóricas da Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 1996, 1997, 2005, SOUZA-E-SILVA; ROCHA, 2012, DEUSDARÁ; ROCHA, 2018, DEUSDARÁ, 2019), que nos permitam afirmar a condição do linguista como pesquisador do social, nesse suporte.

Em linhas gerais, podemos caracterizar a Análise do Discurso partindo de duas premissas fundamentais. A primeira delas se refere ao primado do interdiscurso, remontando a M. Bakhtin e às suas considerações acerca da impossibilidade de apreender os sentidos de um enunciado apenas pelo que efetivamente está expresso nele. Deve-se, segundo o autor, dar consistência ao diálogo que os enunciados estabelecem com os demais enunciados, remetidos virtualmente. Baseando-se na perspectiva bakhtiniana, Maingueneau (2005) formula o primado do interdiscurso em franca contraposição às teorias da intertextualidade vigentes nos anos 60. Segundo o autor, é preciso considerar que os enunciados não se vinculam eventualmente a outros enunciados, mas têm sua existência marcada pela tentativa de separação frente a eles. Desse modo, os discursos pressupõem a interdiscursividade como condição de existência.

A segunda premissa remete à formulação da noção de prática discursiva, que, segundo Maingueneau (1997), se configura na reversibilidade entre produção de textos e produção de uma comunidade de sustentação desses textos. Tal noção tem o mérito, entre outros, de consolidar uma visão acerca da indissociabilidade entre o verbal e o social, concebendo-os como uma produção simultânea.

Para dar conta da investigação a respeito das práticas de linguagem nas redes sociais, consideramos necessário recuperar algumas reflexões acerca do modo como tem sido possível interagir por meio das plataformas digitais. Nessa direção, Sebastião e Elias (2012) consideram ser necessário observar certa permeabilidade existente entre o universo das práticas de exposição pessoal – dimensão mais evidente diante das possibilidades de publicação de fotos, comentários, entre outros





materiais que remetem ao convívio cotidiano dos usuários – e o das práticas de consumo, já que as redes têm-se tornado “via para a publicidade, para a promoção de produtos, para a promoção pessoal e para a consciencialização social e adesão a causas” (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 61).

As autoras destacam modificações no *Facebook* que possibilitam “adicionar causas”, bem como o uso que tem sido feito de tais dispositivos por campanhas publicitárias, “as marcas e as instituições estão a aproveitar esta rede social e os *weblogues* para se promoverem enquanto se associam a causas sociais” (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 61). Assim, do ponto de vista das autoras, se a utilização das redes permite maior agilidade e rapidez na divulgação das causas e mobilizações, a atitude dos usuários permanece sendo passiva, na medida em que o envolvimento não implica nenhum outro tipo de participação *off-line*. Essa participação pode ser considerada

Talvez não a melhor, uma vez que, normalmente, termina após o clique. No entanto, é de reforçar a ideia que é mais uma opção que vai continuar a ganhar fãs. Caberá aos utilizadores decidirem se querem ou não continuar com o seu apoio como subscritores. Apoio passivo? Talvez. Mas não deixa de ser um apoio, tornado possível com a internet e com as redes sociais. (SEBASTIÃO; ELIAS, 2012, p. 68)

Como se vê, as autoras sugerem uma possibilidade de maior integração entre as interações que se desenvolvem nas redes e práticas que possam se desdobrar, tomando-as como referências, em contextos denominados *off-line*. Tal linha de reflexão tem desenvolvimentos recentes bastante produtivos, observados os processos de disseminação das formas de mediação tecnológica. Não poderíamos deixar de registrar o fato de que, no contexto da estratégia de isolamento social, as interações nas redes e nos aplicativos de mensagens assumiram contornos que ainda merecem atenção de nossas pesquisas.

Atentando para as práticas políticas nas redes, Severo, Hoefel e Shimizu destacam as manifestações ocorridas no Brasil, em 2013, como “linha divisória”, explicitando o papel desenvolvido pelas redes sociais na mobilização, considerando que “as características do processo, articulado fortemente pelo *Facebook*, geraram surpresas ao conjunto dos movimentos sociais com larga trajetória e também ao Estado” (SEVERO; HOEFEL; SHIMIZU, 2017, p. 195). Segundo as autoras, os dados revelam uma compreensão acerca das redes sociais como espaço “despolitizado”, ao mesmo tempo em que já indicavam ações no sentido do ciberativismo.

Em direção distinta aos resultados apresentados pelas autoras, Mian e Castilho (2019) sustentam que a arquitetura da rede permite maior possibilidade de o cidadão participar de debates de interesse público. Já Couto Júnior, Pochay e Carvalho (2019) consideram que “os praticantes





culturais apropriam-se dessas produções digitais ativamente, com a cibercultura oportunizando a (co)criação colaborativa entre sujeitos” (COUTO JÚNIOR; POCAHY; CARVALHO, 2019, p. 20).

Esses estudos demonstram a importância e a necessidade de investigação das práticas discursivas que se desenvolvem nas redes sociais, atentando para o modo como se inscrevem os sujeitos, se constituem os embates discursivos, qualificando o tipo de fenômeno que integram e, sobretudo, as práticas que reiteram. Exemplos muito concretos do perigo da mobilização social nas redes tiveram repercussão com a iniciativa da companhia de Mark Zuckerberg de realizar investigações de conteúdo de disseminação de ódio nas redes. Desse modo, o *Facebook* vem procedendo ao apagamento e suspensão de perfis que se comportam de modo incitativo, disseminando *fake news* e ódio. Essas ações chegaram a suspender do *Facebook* o ex-presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, em janeiro de 2021, após a invasão do Congresso dos E.U.A. por militantes ligados ao ex-presidente⁷. No Brasil, os perfis de redes de contas falsas ligadas ao PSL e à família Bolsonaro também foram investigados e apagados da rede⁸.

Na perspectiva dos analistas do discurso, a investigação das práticas discursivas confere certa centralidade ao modo como os gêneros discursivos se configuram como dispositivos de enunciação. Partindo da concepção bakhtiniana, Maingueneau (2015) elabora proposta de operacionalização do referido conceito, considerando os seguintes aspectos: i) finalidade reconhecida; ii) estatuto dos enunciadores; iii) coordenadas de tempo e espaço; iv) mídiun; v) organização textual. No que tange especialmente ao gênero meme, poderíamos destacar os aspectos iv e v como mais recorrentes, já que se expressam em organização material intersemiótica e têm como mídiun as redes sociais. Os demais aspectos se configuram de modo mais flexível, observando-se intensa variação das diferentes práticas em que se inscrevem. Essa maior recorrência de alguns aspectos parece ter motivação no modo como tal gênero teria se iniciado, com a disseminação do *trollfacer*, uma espécie de carinha que se propagou nas redes sociais no Brasil em meados dos anos 2000, aparentemente, com o intuito de manifestar, por meio de linguagem não-verbal, uma modalidade à enunciação escrita.

3 O MEME: CONTORNOS DA IMITAÇÃO

Buscando compreender a origem do termo meme e sua rápida reprodução social, podemos associá-lo aos estudos postulados por Richard Dawkins (2001), que cunhou o termo baseado nas

⁷ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55580191>. Acesso: em 18 mar. 2021.

⁸ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2020/07/08/facebook-remove-rede-de-contas-falsas-relacionada-ao-psl-e-a-gabinetes-da-familia-bolsonaro.ghtml>. Acesso em: 18 mar. 2021.





premissas darwinianas. Para o autor, a ideia de imitação está associada à memética, já que a reprodução dos genes se dá através da imitação do que é anterior a ele.

Entender a replicação dos memes é a base para a compreensão de sua própria criação. Esse termo, cunhado por Richard Dawkins, aparece, inicialmente, com o intuito de se referir à reprodução dos seres vivos, por meio da teoria darwiniana. Entretanto, entendendo que não há evolução ou imitação apenas biológica, o autor aponta a necessidade de imitação em distintas áreas sociais.

Assim, brevemente, pode-se perceber que o meme é uma espécie de “evolução” de um texto-base, deslocando-se parte de seus elementos “originais” e sustentando tal procedimento em efeitos de “ridicularização” do texto de origem. Tal indicação parece fornecer elementos relevantes que convocam o analista do discurso à investigação, uma vez que a referida “evolução” não se daria senão por mecanismos linguístico-discursivos a serem inspecionados. Sua replicação nas redes ocorre, justamente, porque a necessidade de imitação e recriação está para além da genética humana, cabe também à necessidade de imitarmos aqueles com os quais nos “aliamos”, no qual se destaca outro aspecto de interesse aos analistas do discurso, a saber, a investigação da construção de alianças e embates entre os posicionamentos construídos.

Dawkins, estudando a teoria da seleção natural proposta por Darwin, percebeu que a evolução biológica se dava à medida que o novo corpo se adaptava às condições de seu meio, mas carregava consigo traços genéticos que se referiam à sua origem. Para esse traço que permanecera com os indivíduos, o autor chamou, mais tarde, de mimese, como se o novo fosse uma espécie de imitação da sua origem. Como se tratava de um lexema relativamente grande, o autor passou a chamar essa imitação de meme. E, pensando na evolução biológica, fez referências às imitações, mimese ou meme, que circundam as práticas sociais, de modo mais geral. Como afirma o autor, “[...] o darwinismo é uma teoria grande demais para ser confinada ao contexto limitado do gene” (DAWKINS, 2001, p. 213 *apud* LEAL-TOLEDO, 2013, p. 188).

Mesmo que tentemos dissociar uma teoria biológica da produção e replicação de enunciados linguísticos e não linguísticos, não se pode deixar de mencionar que o surgimento do termo meme é gerado nas bases da teoria darwiniana, já que, para essa teoria, o processo de evolução das espécies se dá por meio de “reprodução com herdabilidade, variação intraespecífica, possibilidade do surgimento de novas mutações, aptidão diferencial, falta de recurso para a reprodução, tempo para o processo ocorrer” (LEAL-TOLEDO, 2013, p. 190). Dito isso, nota-se que a criação dos memes ocorre por meio desse processo de imitação, já que há possibilidades de “mutação”, tempo para que a mudança





ocorra, entre outras características que também podem pertencer à esfera memética⁹ discursiva e não só biológica. Com efeito, a restituição de tal percurso permite-nos sustentar um elemento dessa agenda de pesquisa que se dirige à investigação das práticas de linguagem em ambiente virtual: o acompanhamento dos procedimentos linguístico-discursivos que ganham materialidade em textos verbovisuais, construindo alianças e embates entre posicionamentos.

A seguir, apresentaremos nossa análise dos memes selecionados a fim de investigar os elementos que regem as relações implícitas dos enunciados, muito presentes nos memes, que contribuem ativamente para a produção de sentidos. Os pressupostos e os subentendidos fazem parte do encadeamento progressivo textual-discursivo, tendo em vista que suscitam sentidos diversos por meio do que está nas entrelinhas discursivas.

4 CATEGORIAS DE ANÁLISE E PERCURSO METODOLÓGICO

Na discussão acima, já apresentamos elementos e reflexões que parecem sustentar o lugar conferido aos memes nas interações produzidas nas redes sociais. Desse modo, uma das entradas possíveis para interrogar que tipo de contorno tem sido conferido ao debate acerca da pandemia passa por observar o funcionamento discursivo dos memes, atentando para o modo como apresentam a criação de posicionamentos em embate sobre o tema da pandemia, promovendo-se, assim, dois pólos antagônicos no cenário político-social no Brasil.

Pensando a criação dos memes na premissa de uma origem e no que postulou Darwinks (2001), podemos dizer que muitos dos memes que circulam nas redes sociais com a finalidade de formular críticas ao posicionamento sustentado pelo atual governo são produzidos a partir de uma fotografia ou de uma notícia sobre determinado assunto. Dessa forma, há imitação, normalmente, do visual juntamente ao verbal, materializando-se com legendas curtas. Esse funcionamento põe em evidência a interação entre mecanismos de captação e de subversão, atuando conjuntamente e em alternância, tal como foi discutido por Almeida, Souza e Giorgi (2020).

Assim, ao postular indagações implícitas, o propagador de tais informações “parece” estar resguardado sobre o que afirma. Embora o pressuposto esteja presente, os possíveis subentendidos já não pertencem mais, diretamente, à enunciação, já que dependem também do contexto de produção. Ou seja, o replicador do meme parece desejar não se responsabilizar por todos os efeitos

⁹ Utilizaremos, neste trabalho, os termos memética ou memético para referir-nos aos memes que circulam nas redes sociais.





de sentido produzidos por tal enunciação, dado que a transferência de um texto de um certo circuito de interação para outro não deixa de abrir novos pontos de interseção do sentido não previstos, colocando em cena embates que não eram necessariamente aqueles que se desejava fazer atuar no momento de seu compartilhamento.

A inscrição do sentido no enunciado é marcada por processos variados e não se reduz aos mecanismos linguísticos, mas abre para possíveis, de acordo com a comunidade na qual se inscreve. Com efeito, a relação estabelecida entre os implícitos discursivos pode-se dar através dos pressupostos e dos subentendidos, considerando que o pressuposto está descrito de forma mais “visível” nos enunciados, enquanto o subentendido é totalmente camuflado. Sendo assim, a enunciação não se reduz ao exposto no enunciado, mas abrange uma espécie de gestão da complexa relação entre o efetivamente dito e o sugerido, por meios diversos e marcas variadas na materialidade linguística.

Inscrevendo-nos na tradição de estudos enunciativos que remontam às contribuições de O. Ducrot, o subentendido é inferido pelos interlocutores, já o pressuposto é estável, apontado como facilmente depreendido do enunciado por elementos linguísticos expressos. Nessa espécie de cadeia implícita, Maingueneau (1996) aponta algumas características acerca desses fenômenos. Para ele, o pressuposto é uma espécie de interferência naquilo que está posto. Dessa forma, o enunciado concebe dois níveis, o posto (o primeiro plano, correspondente ao que se refere o enunciado); e o pressuposto (o plano de fundo, no qual se sustenta o pressuposto). Em suas palavras,

Se os postos são apresentados como aquilo ao que se refere a enunciação e portanto submetidos a uma contestação eventual, os *pressupostos* lembram de maneira lateral elementos cuja existência é apresentada como óbvia. Essa dissimetria é capital; permite focalizar a atenção sobre o posto e “fazer passar” discretamente o pressuposto. (MAINGUENEAU, 1996, p. 95)

Assim como os pressupostos, os subentendidos também fazem parte dos “elementos” que contemplam o implícito, mas estão “bem mais” nas entrelinhas discursivas, permitindo que o enunciado estabeleça conexões com diferentes campos a depender do contexto ao qual está inserido. Sendo assim, “o locutor faz seu destinatário entender uma proposição se transgride abertamente um princípio de conversação de maneira a fazer-lhe derivar um subentendido” (MAINGUENEAU, 1996, p. 108).





Como os subentendidos estão mais relacionados ao contexto de produção dos enunciados, pode-se pensar a sua relação direta com o mundo, tendo em vista que os subentendidos reverberam das implicações que as práticas discursivas possibilitam.

A seguir, poderemos observar como os implícitos, pressupostos e subentendidos, contribuem para a argumentação em enunciados meméticos, capazes de suscitar não só o humor, como também reflexões acerca de distintos problemas sociais e econômicos enfrentados no Brasil.

Sabendo que há variadas formas para um meme, seja verbal, em forma de vídeo, visual, entre outras, vale pontuar que daremos ênfase aos memes cuja produção se deu de forma verbo-visual e com teor político produzido em meio à pandemia, suscitando a criação de embates na disputa de sentidos em torno da pandemia de COVID-19 no Brasil.

Nosso critério de seleção foi, portanto, memes que circularam no período de abril a junho de 2020, período conhecido como “primeira onda” da doença no país, no *Facebook*. Na sequência, promovemos levantamentos em *sites* de busca e chegamos a *links* de notícias, que tematizaram pontos de vista críticos sobre a pandemia, nos quais esses materiais se encontravam igualmente divulgados. A partir da análise desses pontos de vista, foi possível identificar os enunciadores do embate provocado por meio da análise dos pressupostos e subentendidos. Selecionamos, portanto, duas peças meméticas.

5 “VOCÊS ESTÃO CONTANDO?”: ANÁLISE DO DEBATE CONSTRUÍDO PELOS MEMES

A seguir, apresentaremos as duas peças que foram identificadas originalmente nas redes sociais e replicadas em notícias, cujos links apresentamos em suas indicações de fonte. Esses materiais permitem pôr em cena mecanismos linguístico-discursivos do funcionamento dos memes e de seu modo de fazer interagirem cenas. No caso do meme a seguir, o texto no qual ele circula foi publicado na página eletrônica do Edição do Brasil, em 09 de abril de 2020. A discussão apresentada no texto intitulado “Em tempos de coronavírus, brasileiro tem compartilhado mais memes do que notícias” se centra justamente no interesse dos brasileiros por memes, no contexto da pandemia:



Figura 1: Meme Dengue x COVID-19



Fonte: <http://edicaodobrasil.com.br/2020/04/09/em-tempos-de-coronavirus-brasileiro-tem-compartilhado-mais-memes-que-noticias/>. Acesso em: 04 jul. 2020

À primeira vista, o meme atualiza uma cena validada numa comunidade discursiva marcada por práticas machistas patriarcais: uma dupla heterossexual, lado a lado, o personagem masculino vira-se para observar, com expressões faciais que remetem fortemente às práticas de assédio, outra mulher. A mulher ao seu lado vira-se para o personagem masculino e reage, com expressão facial sugerindo indignação, mantendo-se na formação casal e reiterando os sentidos que circulam nessa comunidade discursiva: o de homem paquerador, infiel e o de mulher indignada, mas aparentemente conformada com o caráter assediador do personagem masculino. Trata-se de uma cena tipificada de ciúmes provocada pelo assédio a uma outra mulher.

Palavras em destaque sugerem o acoplamento dessa configuração casal heterossexual e postura machista para o campo do debate sobre a pandemia. No material, há uma identificação das personagens com as doenças graves que assolam o Brasil, a dengue e a COVID-19. Assim, pode-se perceber que o que está posto são as imagens dos personagens e os vocábulos *coronavírus*, *brasileiro* e *dengue*. A partir do que está posto, pressupõe-se que os brasileiros não estejam mais tão preocupados com a doença antiga (dengue) em detrimento da existência da nova doença (identificada por coronavírus no meme), ou seja, a gravidade da nova doença é maior que a gravidade da doença mais antiga. Assim, o posto é o que identificamos pelo visual e pelo linguístico e o pressuposto seria a não gravidade de outras doenças e o “incômodo” delas por isso, isto é, “o coronavírus roubou a atenção dos brasileiros” – posto; “a dengue também mata” – pressuposto. O subentendido pode suscitar outra conclusão, a de que os brasileiros estariam esquecendo que, além da COVID-19, a dengue está presente em nossa sociedade e continua levando muitos a óbito, principalmente se levarmos em conta que esse enunciado passou a circular nas redes sociais logo no início da pandemia, período em que estávamos no verão no Brasil, estação propícia à disseminação da dengue por causa do calor.



Observamos, portanto, que o enunciado gira em torno de uma cadeia progressiva que se revela através dos pressupostos e subentendidos, cadeia essa que se produz no nível cognitivo, já que a materialização da prática não contempla essas e outras (in)conclusões. Ainda, pode-se atrelar esse enunciado a tipos de discursos diferentes: i) tipo de discurso midiático, pelo qual o enunciado circula; ii) tipo de discurso da esfera da saúde, já que o enunciado abrange uma temática que envolve doenças e, iii) tipo de discurso político, que deixa pistas para as inferências acerca da ênfase que as mídias estavam dando à nova enfermidade, sugerindo um apagamento de enfermidades graves e mais conhecidas.

Do mesmo modo, foi possível acompanhar esse embate que disputava a importância dada ao COVID-19 em diversos debates nas redes sociais por seus usuários que, ratificando a postura do governo de reduzir a COVID-19 a uma “gripezinha”, enfatizavam a gravidade de outras doenças que não mais estariam sendo anunciadas pela grande mídia. Aqui, percebemos que a dimensão denotada pelo meme, que trata da produção de sentidos gerado pelo enunciado quando exposto à sociedade, traz à tona muitos questionamentos que são capazes de serem percebidos implicitamente por meio do linguístico e do não linguístico, ou seja, há a construção de um cenário de embate entre duas posições: a que atribui menor importância à doença da COVID-19 e aquela que investe no oposto.

A seguir, analisamos mais uma peça, que passou a circular também em *site* vinculado à página eletrônica da Folha de São Paulo, em texto sobre crítica ao fato de o governo brasileiro interromper a dinâmica de divulgação dos dados sobre a pandemia:

Figura 2: Meme contagem de casos



Fonte: <https://hashtag.blogfolha.uol.com.br/2020/06/07/apos-governo-sonegar-dado-sobre-covid-19-memes-mostram-que-brasil-venceu-alemanha-na-copa-de-2014/>. Acesso em: 04 jul. 2020



O meme da figura 2 é constituído pela composição de quatro imagens distintas e justapostas. Trata-se de personalidades famosas da televisão americana, todas elas flagradas em expressão facial que variam entre o espanto, a preocupação, a restrição e a dúvida. Posicionadas na altura das testas de cada uma das personagens, encontram-se bandeiras de quatro países. Sugere-se, com isso, que cada personagem – ao serem flagradas com gestos faciais específicos não deixam de captar seus traços de personalidades desenvolvidos nos programas de origem – torna-se o “representante” do país a que lhe é atribuída uma bandeira na testa. Como uma espécie de legenda para essa composição personagem-país são apresentados por três enunciados que constataam o número de casos de infectados pelo coronavírus. Do primeiro para o terceiro quadro, o quantitativo de casos aumenta significativamente. De modo semelhante, parecem-se intensificar as expressões dos personagens. Excetua-se a do último quadro, em que a personagem-país Brasil, mais do que espanto, parece sustentar uma dúvida. Em sua legenda, consta: “vocês estão contando?”. Pelo confronto construído entre as imagens, é possível depreender o seguinte pressuposto: o Brasil não está contando a quantidade de infectados ou mortos por COVID-19. A reação encenada pela personagem contribui com o subentendido de que talvez não fosse necessário ou não fizesse sentido acompanhar o quantitativo de casos, variando da despreocupação ao desleixo.

É possível, considerando o contexto de circulação do meme, recuperar o diálogo com o evento de ocultação dos dados sobre o quantitativo de mortes por COVID-19 pelo governo federal¹⁰, em junho de 2020. Desse modo, o enunciado apresenta reflexões e críticas acerca do posicionamento tomado pela esfera governamental. Através do uso dos memes, as indagações e os implícitos acabaram por contribuir para que se pudesse inscrever a ocultação dos dados não apenas em posições contrárias ou favoráveis às do governo. De fato, sequer esse debate aparece no material apresentado. No entanto, a ocultação é ressignificada, inscrita na comparação com as posturas assumidas em outros países.

Ambos os exemplos apresentam as dimensões supracitadas por Porto (2018): a primeira dimensão diz respeito às subjetividades presentes nos exemplos, no primeiro, sobre a relativização de outras doenças ou a minimização da COVID-19, no segundo, acerca da necessidade de se ocultar dados para elevar o moral de quem está aliado ao presidente do país. A segunda dimensão se apresenta igualmente nas duas figuras, um quadro com linguagem verbal e linguagem não verbal, ou seja, a apresentação de uma complementaridade dos signos para compor a tessitura discursiva. E a

¹⁰ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52967730>. Acesso em: 18 mar. 2021.



terceira dimensão, apresentando de que forma os signos utilizados são capazes de produzir efeitos de sentido ao partirem para a esfera pública, caso das redes sociais, a que grande parte da população tem acesso.

Já em relação à aproximação da teoria genética apontada por Dawkins (2001), nota-se que o primeiro exemplo é recriado e reprojeto permeado nas suas bases de origem, ou seja, a foto possibilitou a inferência acerca do desejo de um homem, aparentemente, comprometido para com outra mulher, que transitava pela rua. Assim, a partir disso, criou-se uma cadeia de imitação baseada nesse primeiro momento. Com a solidificação desse enunciado memético às redes sociais, pode-se criar a relação de uma doença com outra, apontando reflexões subjetivas, permitidas pelo contexto no qual o enunciado estava inserido.

O segundo exemplo é criado a partir da replicação de fotografias de personalidades famosas que compõem o quadro cênico de atores e atrizes famosos nos Estados Unidos. Parece-nos que as fotografias foram escolhidas de modo bastante minucioso, justamente por que o rosto das personalidades expostas as faz parecer extasiadas ao tentar imaginar que há governantes de outros países que não estão contando o número de vítimas da COVID-19, bem como o choque que os números tão altos são capazes de provocar.

Logo, podemos notar a força argumentativa dos implícitos nos memes, já que são também elementos pertinentes para a implicação com outros enunciados, assim como para suas replicações na rede. Argumentar é isso, provocar no outro reflexões acerca dos problemas sociais, incitar possíveis interpretações e criticar situações cotidianas que interferem no dia a dia da massa populacional, ou seja, da comunidade discursiva a que se referem e onde se reiteram.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reprodução de enunciados a partir de uma origem ou a criação de memes através de fotografias revela-nos a conexão presente em distintas teorias científicas. Mesmo que pudéssemos acreditar no distanciamento da teoria genética ao surgimento de gêneros discursivos, Dawkins (2001) nos provou que, a partir do estudo e da análise de qualquer objeto, as conclusões chegadas podem ser relacionadas a outras esferas científicas, tendo em vista que somos seres sociais e que, culturalmente, a descoberta de qualquer teoria científica pode estar atrelada a outras. A pista fornecida aqui é a de necessidade de observação dessa intensa “reprodução” dos textos formados a





partir de fragmentos de outros, contribuindo com o adensamento dos debates postos em cena pelos posicionamentos em embate.

Os pressupostos e os subentendidos fazem parte do encadeamento da materialidade textual, sugerindo que a teorização clássica a respeito de sua articulação possa ser revista a partir do modo como os implícitos podem funcionar em materialidades intersemióticas. Assim, o dito, o que está posto, é um caminho para especulação do não dito; não que o não dito não tenha necessidade de ser desvelado, mas, em muitas situações e diante da guerra virtual que se presencia, em que pessoas passam a ser perseguidas por explicitar demais suas práticas sociais, o não dito contribui para que situações como essas sejam evitadas.

Finalmente, observamos, a partir de nossas análises, que os memes são materiais riquíssimos no plano da discursividade, sobretudo porque trazem elementos que dialogam com outros textos, pressupostos ou subentendidos, que promovem o interdiscurso no sentido que Maingueneau aborda. Para recuperar os sentidos desses textos, precisamos fazer parte de uma comunidade discursiva por onde os enunciados do interdiscurso estão circulando e sendo refutados, reiterados, combatidos ou sustentados. Vemos, portanto, que o referencial da análise do discurso pode ser uma ferramenta produtiva para a análise de material memético, sobretudo contextualizando-se as práticas discursivas a que estão vinculados e para as quais se vinculam.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, F. S. de; SOUZA, A. M. R. de; GIORGI, M. C. Captação e subversão de práticas intersemióticas: uma análise discursiva no contexto político brasileiro. *Matraga*, v. 27, n. 50, p. 413-433, ago. 2020.

BAKHTIN, M. M. **Estética da criação verbal**. Tradução: Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martín Fontes, 2011.

BECHARA, E. **Minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2009.

BIRMAN, J. **O trauma na pandemia do Coronavírus**: suas dimensões políticas, sociais, econômicas, ecológicas, culturais, éticas e científicas. Rio de Janeiro: José Olympio, 2020.

BROWN, W. **Nas ruínas do neoliberalismo**: a ascensão da política antidemocrática no Ocidente. Tradução: Mario A. Marino e Eduardo Altheman C. Santos. São Paulo: Politeia, 2019.

CHAMAYOU, G. **A sociedade ingovernável**: uma genealogia do liberalismo autoritário. Tradução: Letícia Mei. São Paulo: Ubu, 2020.





COUTO JÚNIOR, D. R.; POCAHY, F.; CARVALHO, F. da S. P. de. Ensinar-aprender com os memes: quando as estratégias de subversão e resistência viralizam na internet. **Periferia**, v. 11, n. 2, p. 17-38, maio/ago. 2019.

DAWKINS, R. **O gene egoísta**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2001.

DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D. O que entendemos por ‘trabalhar em análise do discurso?’. *In*: DEUSDARÁ, B.; ROCHA, D.; RODRIGUES, I. C.; PESSOA, M.; ARANTES, P. C. C. (org.). **Em discurso: cenas possíveis**. Rio de Janeiro: Cartolina, 2018. p. 11-28.

DEUSDARÁ, B. O que torna possível uma abordagem pragmático-enunciativa de discursos? **Revista FSA**, v. 16, n. 6, 1-19, nov./dez. 2019.

LAZZARATO, M. **Fascismo ou revolução?** O neoliberalismo em chave estratégica. Tradução: Takashi Wakamatsu e Fernando Scheibe. São Paulo: n-1 edições, 2019.

LEAL-TOLEDO, G. Em busca de uma fundamentação para a memética. **Trans/Form/Ação**, v. 36, n. 1, p. 187-210, jan./abr. 2013.

MAINGUENEAU, D. **Pragmática para o discurso literário**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Tradução: Freda Indursky *et al.* Campinas: Ed. da Unicamp, Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. Tradução: Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2005.

MAINGUENEAU, D. **Discurso e análise do discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MIAN, M. B.; CASTILHO, A. O ciberativismo potencializado via memes: uma análise de articulação de pautas políticas e sociais nas redes. **Aurora. Revista de Arte, Mídia e Política**, v. 12, n. 34, p. 110-128, 2019.

PORTO, L. M. D. C. O processo de construção de sentidos dos memes. *In*: CARMELINO, A. C.; RAMOS, P. (org.). **Gêneros humorísticos em análise**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2018. p. 109-126.

POSSENTI, S. **Cinco ensaios sobre humor e análise do discurso**. São Paulo: Parábola, 2018.

ROCHA, D.; DAHER, M. del C. F. G.; SANT’ANNA, V. L. de A. Produtividade das investigações dos discursos sobre o trabalho. *In*: SOUZA-E-SILVA, M. C. P.; FAÏTA, D. (org.). **Linguagem e trabalho: construção de objetos de análise no Brasil e na França**. Tradução: Inês Polegatto e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002. p. 77-91.

SEBASTIÃO, S. P.; ELIAS, A. C. O ativismo like: as redes sociais e a mobilização de causas. **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 1, p. 61-70, jan./jun. 2012.





SEVERO, D. O.; HOEFEL, M. da G. L.; SHIMIZU, H. Redes sociais, facebook e debate político: olhares dos movimentos sociais. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 53, n. 2, p. 194-201, maio/ago. 2017.

SOUZA-E-SILVA, C.; ROCHA, D. Enunciação em processo: dispositivos para a produção de uma memória discursiva. **Desenredo**, v. 8, n. 1, p. 30-48, 2012.

Artigo recebido em: 25/03/2021

Artigo aprovado em: 17/05/2021

Artigo publicado em: 07/07/2021

COMO CITAR

DEUSDARÁ, B.; ARANTES, P. C. C.; MUYLAERT, T. Enunciação em memes sobre a pandemia: análise discursiva de sentidos na web. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 10, p. 1-18, e02106, 2021.

